

## Prólogo

# Fumaça e Diamantes

A imponente estrutura de vidro e aço se erguia de sua posição na Front Street como uma agulha brilhante costurando o céu. O Metrópole, o mais caro entre os novos condomínios de Manhattan, tinha 57 andares. No mais alto, o quinquagésimo sétimo, ficava o apartamento mais luxuoso de todos: a cobertura Metrópole, uma obra de arte lustrosa com design em preto e branco. Novo demais para ter acumulado poeira, o piso de mármore refletia as estrelas, visíveis através das enormes janelas panorâmicas. O vidro da janela era perfeitamente cristalino, produzindo uma ilusão tão perfeita de que não havia nada entre o espectador e a paisagem que se dizia que era capaz de causar vertigem até em quem não tinha medo de altura.

Longe lá embaixo corria a tira prateada que era o East River, adornado por pontes brilhantes e pontilhado de barcos que não passavam de pequenas manchas, dividindo as margens luminosas que eram Manhattan e o Brooklyn, um de cada lado. Em uma noite clara, a Estátua da Liberdade era visível ao sul — mas havia neblina naquele dia, e a Liberty Island estava escondida atrás da névoa branca.

Por mais espetacular que fosse a vista, o homem diante da janela não parecia particularmente impressionado. O rosto austero e estreito se franziu quando ele se afastou do vidro e atravessou a sala, a sola das botas ecoando contra o piso de mármore.

— Você *ainda* não está pronto? — perguntou ele, passando a mão pelo cabelo branco como sal. — Já estamos aqui há quase uma hora.

O menino ajoelhado no chão levantou os olhos para encará-lo, nervoso e mal-humorado.

— É o mármore. É mais duro do que eu imaginava. Está dificultando o desenho do pentagrama.

— Então deixe o pentagrama de lado. — Aproximando-se era mais fácil ver que, apesar do cabelo branco, o homem não era idoso. O rosto severo era rígido, porém não tinha rugas, e os olhos eram claros e firmes.

O menino engoliu em seco e as asas negras que saíam de suas omoplatas (ele fizera cortes na parte de trás da jaqueta jeans para acomodá-las) bateram nervosas.

— O pentagrama é necessário em todos os rituais de evocação de demônios. O senhor sabe disso. Sem ele...

— Não estamos protegidos. Eu sei, jovem Elias. Mas ande logo com isso. Conheço feiticeiros que podiam evocar um demônio, conversar com ele, e despachá-lo para o inferno no tempo que você levou para desenhar meia estrela.

O menino não disse nada, simplesmente atacou o mármore novamente, com ímpeto revigorado. Suor pingava da testa, e ele empurrou o cabelo para trás com a mão, cujos dedos eram conectados por delicadas membranas que pareciam teias.

— Pronto — disse, finalmente, recompondo-se com uma exclamação. — Está pronto.

— Ótimo. — O homem parecia satisfeito. — Vamos começar.

— Meu dinheiro...

— Eu disse que você vai receber o seu dinheiro *depois* que eu falar com Agramon, não antes.

Elias se levantou e tirou a jaqueta. Apesar dos buracos que tinha cortado, as asas continuavam apertadas; livres, elas se esticaram e se expandiram, soprando uma brisa pela sala não ventilada. As asas eram da cor de um petróleo lustroso: pretas e marcadas por um arco-íris de cores inebriantes. O homem afastou o olhar, como se as asas o desagradassem, mas Elias pareceu não notar. Ele começou a circular o pentagrama que havia dese-

nhado, dando voltas no sentido anti-horário e entoando um cântico em uma linguagem demoníaca que soava como chamas destruindo madeira.

Com um som como o de ar sendo sugado de um pneu, o contorno do pentagrama pegou fogo repentinamente. As enormes janelas refletiam estrelas de cinco pontas.

Alguma coisa começou a se mover dentro do pentagrama, algo amorfo e preto. Elias entoava o cântico mais rápido agora, erguendo as mãos e traçando delicadas linhas no ar com os dedos. Onde passavam, um fogo azul surgia. O homem não sabia falar cthoniano, a língua dos feiticeiros, com fluência, mas reconhecia palavras suficientes para entender o cântico repetido por Elias: *Agramon, eu o invoco. Pelos espaços entre os mundos, eu o invoco.*

O homem colocou a mão no bolso. Algo duro, frio e metálico tocou seus dedos. Ele sorriu.

Elias havia parado de andar. Estava na frente do pentagrama agora, a voz aumentando e diminuindo em um cântico uniforme, e o fogo azul queimando ao redor dele como raios. De repente, uma pequena nuvem de fumaça negra surgiu de dentro do pentagrama e se ergueu em espiral, expandindo-se e se solidificando. Dois olhos pairavam na sombra como joias presas a uma teia de aranha.

— *Quem me chama através dos mundos?* — perguntou Agramon com uma voz que era como cacos de vidro. — *Quem me invoca?*

Elias tinha parado de entoar o cântico. Estava parado na frente do pentagrama — exceto pelas asas, que batiam lentamente. O ar cheirava a corrosão e queima.

— Agramon — disse. — Sou o feiticeiro Elias. Fui eu que o invoquei.

Por um instante fez-se silêncio. Em seguida, o demônio riu, se é que fumaça pode ser considerada risada. A risada em si era cáustica como ácido.

— *Feiticeiro tolo* — bufou Agramon. — *Menino tolo.*

— Você é tolo se acha que pode me ameaçar — disse Elias, mas sua voz tremia como as asas. — Você vai permanecer prisioneiro deste pentagrama, Agramon, até que eu o liberte.

— Vou? — A fumaça foi para a frente, criando e recriando a si mesma. Uma gavinha assumiu a forma de mão humana e atingiu a borda do pentagrama em chamas que a continha. Então, com um impulso, a fumaça atravessou a fronteira da estrela e espalhou-se sobre a borda como uma onda quebrando. As chamas gotejaram e padeceram enquanto Elias, gritando, cambaleava para trás. Ele estava entoando um cântico agora, em cthoniano rápido, feitiços de contenção e desterro. Nada aconteceu; a nuvem de fumaça veio inexoravelmente, e começou a tomar forma — uma figura horrível, enorme e deformada, os olhos brilhantes se alterando, arredondados como discos voadores, emitindo uma luz assustadora.

O homem observou impassível enquanto Elias gritava novamente e se virava para correr. Ele não alcançou a porta. Agramon lançou-se para a frente, a nuvem escura envolvendo o feiticeiro como um marinheiro. Elias se debateu por um instante sob ele e em seguida ficou imóvel.

A forma negra recuou, deixando o feiticeiro deitado, contorcido no chão de mármore.

— Espero — disse o homem, que tinha retirado o objeto feio e metálico do bolso e estava brincando despreocupadamente com ele — que não tenha feito nada que o torne inútil para mim. Preciso do sangue dele.

Agramon virou-se, um pilar preto com olhos mortais de diamante. Observou o homem com o terno caro, o rosto estreito e despreocupado, marcas pretas cobrindo a pele e o objeto brilhante na mão.

— *Você pagou uma criança feiticeira para me invocar? E não disse a ele o que eu podia fazer?*

— Adivinhou — disse o homem.

Agramon disse com admiração relutante:

— *Manobra inteligente.*

O homem deu um passo em direção ao demônio.

— Eu *sou* muito inteligente. Também sou seu mestre agora. Tenho o Cálice Mortal. Você deve me obedecer, ou sofrer as consequências.

O demônio ficou em silêncio por um instante. Em seguida inclinou-se em direção ao chão, em sinal de obediência — o mais próximo a que uma criatura sem corpo podia chegar de se ajoelhar.

— *Estou ao seu serviço, meu lorde...* — disse educadamente, deixando uma pergunta no ar.

O homem sorriu.

— Pode me chamar de Valentim.